

Festas na pandemia de Covid-19: experiências sociais em ação

Festivities in the Covid-19 pandemic: social experiments in action

Hugo Menezes Neto

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

Renata de Sá Gonçalves

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

O dossiê reúne um conjunto de reflexões em torno de experiências festivas durante a pandemia de covid-19, especialmente as observadas no período iniciado no ano de 2020 e que se estendeu até 2021. O referido período, em ondas de maior ou menor intensidade, exigiu isolamento social, afastamento e redução de contato, entre outras medidas sanitárias adotadas de modo a minorar as graves consequências do assustador potencial de contágio do coronavírus. Tais medidas exigiram mudanças no calendário e na dinâmica de festas públicas e atividades realizadas anualmente em espaços privados, públicos, de lazer e de entretenimento no Brasil e em todo o mundo. Os impactos sociais e culturais desse período excepcional constituem repertórios para a análise antropológica e mobilizam discussões acerca dos efeitos da pandemia e de seus desdobramentos na vida social a partir de múltiplos ângulos e questões conceituais, alinhavados pela ideia geral de que os rituais são portas de entrada para o estudo da vida social. Os artigos aqui reunidos atentam para a maneira como organizadores, grupos e pessoas envolvidos com a realização de diferentes festas lidaram com sua interrupção ou adaptação e como se adequaram aos novos aspectos dos processos rituais, das redes sociais e da ocupação dos espaços para as celebrações.

Palavras-chave: Festas, Pandemia, Antropologia, Ritual.



ABSTRACT

The dossier gathers a set of reflections around festive experiences during the covid-19 pandemic, especially those observed in the period that began in 2020 and lasted until 2021. This period, in waves of greater or lesser intensity, required social isolation, distancing, and limited contact, among other sanitary measures adopted in order to mitigate the serious consequences of the frightening potential of coronavirus infection. Such measures required changes in the calendar and dynamics of public festivals and activities held annually in private, public, leisure, and entertainment spaces in Brazil and around the world. The social and cultural impacts of this exceptional period constituted an anthropological analysis repertoire and mobilized discussions about the effects of the pandemic and its unfolding in social life from multiple angles and conceptual issues, aligned with the general idea that rituals are open doors to the study of social life. The articles compiled here address how organizers, groups, and people involved in the holding of different festivals dealt with their interruption or adaptation and how they adapted to the new aspects of ritual processes, social networks, and the occupation of spaces for collective celebrations.

Keywords: Festivals, Pandemic, Anthropology, Ritual.

A preparação e a realização das festas no seu calendário habitual, repetido ano a ano, implicam conagraçamentos e encontros que interrelacionam de dezenas a milhares de pessoas, requerem trânsito constante por inúmeros espaços e territórios, movimentam uma extensa cadeia produtiva que fomenta o turismo e a economia de muitas cidades, no Brasil e no restante do mundo. Envolvem trabalho, empregos e sustento de muitas pessoas, famílias e grupos e conformam uma extensa rede de sociabilidades e afetos. As festas têm seus calendários e temporalidades próprios, cíclicos e amplamente conhecidos, fincados em dimensões estéticas, ritualísticas e performáticas que lhes acrescentam sentidos cosmológicos particulares. Tudo isso foi profundamente afetado pela pandemia de covid-19.

Este dossiê é produto de nosso interesse em analisar, pela lente da antropologia, os modos como as festas contemporâneas enfrentaram a restrição do contato físico, tão determinante para o calendário ritual que confere graça e ritmo à vida social como um todo. Esse interesse, porém, é anterior a este dossiê. Começou com a criação do Observatório das Festas na Pandemia¹, no

¹ Agradecemos à Faperj o apoio ao projeto “Objetos desconfortáveis. A preservação do patrimônio cultural e a antropologia brasileira”, coordenado por Renata de S. Gonçalves (Jovem Cientista do Nosso Estado).

ano de 2020, um grupo de trabalho coordenado por nós, com os professores e pesquisadores Maria Laura Cavalcanti, Joana Correa e Ricardo Barbieri, com vistas a reunir antropólogos e antropólogas dedicados ao tema das festas populares impactadas pela pandemia no Brasil e em alguns outros países, como a África do Sul e Portugal, de modo a analisar especialmente os agenciamentos, as estratégias e as saídas mobilizadas pelos sujeitos diante de uma das maiores crises de saúde da história recente.

O observatório produziu o colóquio “Notícias de um ano de Pandemia”, realizado de modo virtual em fevereiro de 2021, no formato de grupo de trabalho, a fim de colocar em diálogo 23 pesquisas ligadas às experiências festivas de diferentes regiões do Brasil no primeiro ano da pandemia. Com o objetivo de aprofundar as reflexões, a partir do encontro foi produzido, no final de 2021, o livro *A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia*, organizado por Maria Laura Cavalcanti e Renata de Sá Gonçalves (2021) e composto por artigos assinados por 33 pesquisadores e pesquisadoras da área. O livro se converteu em um registro histórico de um período atípico, ao apresentar ao debate público questões mobilizadas inicialmente no colóquio.

Ao dar sequência ao debate, tomados pelo mesmo interesse, nós, os organizadores do observatório, criamos o Grupo de Trabalho (GT) Festas na Pandemia na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em 2022 e coordenada pelos professores Hugo Menezes Neto e Luciana Chianca. O GT contou com a apresentação de 15 pesquisas sobre o tema, ampliando a rede de profissionais da antropologia e áreas afins interessados em analisar uma variedade de festas nesse período e apontar, por conseguinte, novas reflexões no registro antropológico proposto. Com o objetivo de consolidar esse conjunto de ações e abrir espaço para mais pesquisadores e pesquisadoras repercutirem suas análises, publicamos o dossiê “Festas na Pandemia”, apresentado aqui a fim de oferecer outra plataforma para a circulação de análises sobre a incidência da pandemia na vida das festas, dos festeiros e das festeiras.

O calendário festivo brasileiro comporta muitas diferenciações internas, próprias a cada contexto, e se abre como um produtivo viés de pesquisa na antropologia. As festas brasileiras têm um enorme escopo classificatório – são tidas como festas mais ou menos nacionais, regionalistas, tradicionais, populares ou espetaculares. Visando o aspecto total (MAUSS, 1974) dessas festas, o tema permite uma reflexão mais ampla sobre contextos sociais distintos, apontando algumas continuidades e descontinuidades na construção da memória social e das formas de sociabilidades. As diferentes regiões e cidades do país depositam nas festas suas próprias histórias e memórias, em permanente elaboração (CAVALCANTI, 1998). Analisar as festas possibilita uma abordagem criativa das formas de sociabilidade, abrindo perspectivas e

complexificando a compreensão das formas de organização social.

O estudo das festas e das cidades encontrou um importante campo de atuação no estudo das sociabilidades, expressões e festas da chamada “cultura popular urbana”, bastante diversificada. Algumas guardam forte relação com as festividades de origem ibérica atreladas ao calendário cristão (BAROJA, 1979; JANCSÓ e KANTOR, 2001). No Brasil, se destacam principalmente aquelas ligadas à devoção aos santos, como as festas do boi, ligadas aos santos de junho (Santo Antônio, São Pedro, São João e São Marçal), a Festa do Divino e o Círio de Nazaré, entre outras celebrações vinculadas ao ciclo anual de festas populares. Pesquisas antropológicas também indicam a centralidade das festas de Carnaval (DAMATTA, 1979), por sua dimensão sociológica e ritual, como os estudos recentes que consideram o Carnaval parte de uma rede capilarizada e articulada de importantes espaços de expressão, que se expande Brasil afora e mesmo para fora do país (CAVALCANTI e GONÇALVES, 2020).

A moldura conceitual dos artigos aqui reunidos se associa, portanto, à clássica ideia antropológica de que festas são importantes rituais e representam portas de entrada privilegiadas para a compreensão da vida social. São rituais, eventos ou fenômenos em que a experiência social é perspectivada, capazes, neste momento histórico, de dizer muito sobre quem somos, sobre nossa capacidade de resistência e de resiliência e sobre como a festa organiza simbólica e praticamente formas de ver e estar no mundo.

Os artigos selecionados informam, analisam e registram as várias formas de reinvenção das festas. Destacam-se, em todos eles, a urgência e a força adaptativa dos agentes festivos e a potência criativa mobilizada pelos fazedores, organizadores e partícipes, uma vez que resistiram às intempéries da crise sanitária ocupando novos espaços e fazendo festas e rituais antigos de novos jeitos. De partida, sabemos que o mundo virtual foi a saída mais recorrente para a manutenção das festas, contudo os trabalhos a seguir burilam processos, não apenas resultados.

O dossiê aponta que a antropologia das festas na pandemia de covid-19 está atenta tanto ao que pôde ser feito quanto aos processos de escolha dos elementos imprescindíveis, no caso de suspensão da ordem normal. A ocupação da virtualidade aparece como uma prática central abordada pelas investigações dos elementos cuja permanência era imprescindível, fornecendo o movimento perspicaz de uma hierarquia simbólica de elementos constitutivos da festa acionada de modo extraordinário. Para essa antropologia das festas na pandemia, saltam aos olhos aquilo que é considerado essencial e definidor em cada ritual e o modo como essa simbolização se manteve, intervindo nos compromissos e nas obrigações festivas (por vezes religiosas).

Os artigos elencados neste dossiê também tentam compreender como os sujeitos engajados nas festas analisam e reorganizam os vínculos em um contexto tão adverso, produzindo

iniciativas solidárias com vistas a conter os inevitáveis problemas econômicos enfrentados por mestres, brincantes e grupos. Também se abordam, por outro lado, os esforços de mitigação dos impactos nas dimensões turísticas, que muitas vezes forjam o registro festivo.

A importância do calendário e da dinâmica festiva para a vida social justifica a demanda por análises antropológicas sobre uma nova realidade que se impôs e acerca dos agenciamentos acionados pelos sujeitos fazedores e partícipes, produzindo novas formas de organizar, executar e viver as festas. Para tanto, reunimos seis artigos que orbitam em torno dessas premissas e questões.

Luciana Gonçalves de Carvalho e Wilmara Aparecida Silva Figueiredo (2022) apresentam profícuas reflexões no artigo *Da festa ao ativismo no quilombo da Liberdade: a atuação de mulheres no bumba meu boi durante a pandemia de covid-19*. Nele, as autoras discutem as estratégias de celebração e ativismo social criadas no período da pandemia de covid-19 pelas líderes de dois respeitadas e antigos bois da cidade – o Boi da Liberdade e o Boi da Floresta –, localizados no quilombo urbano da Liberdade, em São Luís (MA). A brincadeira de bumba meu boi nessa comunidade se inscreve numa tradição festiva que organiza a vida social e, apesar de sua histórica situação de vulnerabilidade social, dinamiza o turismo e a economia locais. Nesse contexto, duas líderes, mulheres negras e quilombolas, criaram estratégias com o duplo objetivo de assegurar a execução de ritos sagrados e prestar ajuda humanitária a brincantes e vizinhos.

Em *Poéticas, políticas e performances de folias de reis em tempos de pandemia de covid-19*, Wagner Chaves e Daniel Bitter (2022) analisam o modo como foliões de reis enfrentaram a pandemia na elaboração e celebração de seus rituais festivos, partindo do caso das folias de reis do Rio de Janeiro. Os autores focam aquilo que chamam de performances poético-políticas, manifestadas na virtualidade, considerando-as expressões da mobilização dos grupos e da produção de sua autoimagem. Mais que isso, tais performances são entendidas como crônicas da pandemia, pois manifestam questões acerca de seus impactos na vida cotidiana e nos rituais ligados à folia.

Luciana Chianca (2022) escreveu o artigo *São João está dormindo, não acorda não! Celebrando a festa junina, apesar da pandemia*, no qual discorre sobre os efeitos da pandemia de covid-19 nas festas juninas do Nordeste por meio de uma pesquisa nos registros disponíveis na internet, que contêm relatos daqueles que compõem a cadeia criativa desse tipo de evento, organizada principalmente a partir do forró e das quadrilhas juninas. Nesse artigo, entretanto, a análise se volta para a potência desses agentes festeiros que não pararam de comemorar, reagindo às inúmeras limitações dos dois anos atípicos.

No artigo *Fé, festas e economia popular: implicações da pandemia de covid-19 sobre*

as celebrações do Círio de Nazaré, Bartos Batista Bernardes e José Alfredo Oliveira Debortoli (2022) analisam os impactos da pandemia numa das maiores festas religiosas do Brasil que ocorre em Belém do Pará e é reconhecida como patrimônio imaterial da humanidade pela Unesco. Os autores apresentam os esforços da organização – uma articulação entre o poder público e a Igreja católica – para a realização de um Círio de Nazaré virtual em 2020 e 2021. No texto, os autores destacam os efeitos dessa mudança sobre dimensões importantes da experiência festiva para além dos rituais litúrgicos, como o turismo e a economia popular.

Atentando para contextos internacionais e aos mundos sociais juvenis, os autores Guilherme Teixeira Costa, Otávio Raposo, João Carlos Martins, Manuel Garcia-Ruiz e Jordi Nofre (2022) discutem lazer e entretenimento entre jovens da capital portuguesa no artigo *Lazer noturno e resistências juvenis em tempos de (pós-)pandemia: o caso dos jovens do bar Antù em Lisboa*, explorando as alternativas agenciadas por meio do estudo de caso de um grupo frequentador do bar Antù, uma das zonas de lazer noturno mais animadas da chamada *Pink Street*, em Lisboa. O objetivo do artigo é apresentar e analisar as formas alternativas (e mesmo subversivas) engendradas por jovens para usar o espaço urbano da noite festiva durante a pandemia de covid-19.

Para encerrar nosso conjunto de reflexões, o artigo de Juliana Braz Dias (2022), *Um choque cultural? Transformações de festas populares da Cidade do Cabo em tempos de Pandemia*”, discute os impactos produzidos nas festividades tradicionais que celebram a chegada do ano novo na Cidade do Cabo, na África do Sul, que envolvem a participação de bandas de Natal, corais malaios e trupes de menestréis. A contribuição do artigo reside na combinação do enfoque das formas artísticas envolvidas com sua dimensão sociológica, pois as bandas e grupos envolvidos nas apresentações pertencem a classes trabalhadoras que compõem a categoria dos mestiços, população pouco estudada na situação étnico-racial sabidamente polarizada entre negros e brancos do país. Outro ponto de interesse é a adaptação do formato presencial tradicional de tais apresentações aos anos da pandemia. Após a suspensão de tais festas, um grupo de produtores locais criou o *Culture Shock*, uma versão da experiência competitiva desses grupos promovida na virtualidade e transmitido via *streaming*. No artigo, portanto, Dias elabora uma análise comparativa entre os eventos originais e sua nova versão, buscando, para além do mero contraste, pontos de continuidade e revelando os aspectos mais importantes dessas celebrações no contexto da crise sanitária.

Consideramos importante, por fim, destacar que os artigos que compõem o dossiê nos ajudam a compreender estratégias e arranjos da vida social em tempos de pandemia. Além disso, elaboram os seguintes aspectos gerais: tomam como inspiração a perspectiva dos rituais,

a fim de tecer uma reflexão mais consistente a respeito das estratégias adotadas pelos grupos no sentido de dar continuidade à celebração durante o período pandêmico; demonstram a relação entre a manutenção de alguns ritos durante a pandemia e as ações de solidariedade, resignação e resistência existentes durante este momento; e exploram o ponto de vista dos diversos agentes participantes das festas na pandemia.

Convidamos os leitores a perspectivar as festas e a pandemia de covid-19 de um modo criativo, revelador da vida social em ação.

REFERÊNCIAS

1. BAROJA, Julio Carlo. **Le carnaval**. Paris: Gallimard, 1979.
2. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. As grandes festas. *In*: SOUZA, Márcio de; WEFORT, Francisco (orgs.). **Um olhar sobre a cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Funarte, Ministério da Cultura, 1998. p. 293-311.
3. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, Renata de Sá (orgs.). **Carnaval sem fronteiras. As escolas de samba e suas artes mundo afora**. Rio de Janeiro: Mauad, 2020.
4. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, Renata de Sá (orgs.). **A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021. v. 1. 339p. (Série Livros Digital, 23). Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/15837>. Acesso em: 19 out. 2022.
5. DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
6. JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris. **Festa, cultura e sociabilidade na América portuguesa**. São Paulo: Imprensa Oficial: Edusp, 2001.
7. MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1974. v. 1 e 2.

Hugo Menezes Neto

Professor Adjunto na Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0902-9649>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação e Revisão. E-mail: hugonetto0@gmail.com

Renata de Sá Gonçalves

Professora Associada na Universidade Federal Fluminense. Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5096-0259>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação e Revisão. E-mail: renatagoncalves@id.uff.br